

Uma análise de CP não expandido para o sistema de complementadores do Crioulo de Cabo Verde¹

Nélia Alexandre²

(CLUL / FLUL)

Abstract: The analysis of Cape Verdean Creole shows that the language exhibits several complementizers (*di*, *ki*, *ma*, *pa*, *pamodi*, *si* and \emptyset) that type the sentences they introduce, in the sense of Cheng's (1991) Clausal Typing Hypothesis. The relative order between *ki* 'that' / *di* 'of' and Topics / Focus constitutes evidence against the need for an expansion of the left periphery (against Rizzi, 1997). Therefore, I assume that these elements are merged in C° and come from the Numeration with a bundle of formal features ([D], [V], [Q], [Wh] and [T]) that need to be checked (by Agree).

Keywords/palavras-chave: Creole, complementizer, clausal typing, left periphery / Crioulo, complementadores, cunhagem de frases, periferia esquerda.

1. Introdução

A temática deste artigo recai sobre a chamada periferia esquerda da frase em crioulo de Cabo Verde (variante de Santiago – CCV), especificamente sobre o seu sistema de complementadores. À semelhança de outras línguas, o CCV exhibe construções sintáticas que exigem a projecção do CP, cuja função é identificar/cunhar uma frase, na perspectiva da Hipótese de Cunhagem das Frases, de Cheng (1991). Concretamente, Cheng propõe que as línguas podem ser classificadas relativamente à forma como a cunhagem opera, i.e., através de Mover (e.g., inglês) ou de Merge (e.g., mandarim). Note-se, contudo, que algumas línguas exibem uma tipologia mista, como o árabe egípcio e o bahasa indonésio.

Neste artigo, pretende-se (i) apresentar uma descrição dos elementos que podem ocorrer em C° em CCV e (ii) propor uma análise baseada em traços formais que dê conta da distribuição dos complementadores do CCV, sem precisar de recorrer à hipótese do CP expandido, de Rizzi (1997).

¹ Agradeço à audiência do XXV *Encontro da APL* e a três revisores anónimos os comentários feitos. Desejo expressar igualmente o meu reconhecimento aos informantes cabo-verdianos, Arlindo Costa, Catarina Oliveira, Danny Spínola, Gil Moreira e José Moreno, pelo seu tempo e esforço.

² Financiada pelo projecto SILC (*Silent Constituents in the Grammar of Portuguese: Acquisition, processing and crosslinguistic variation*), através do programa POCTI-SFA-17-745.

2. Os dados

2.1. O complementador *di* ‘de’

O complementador *di* ‘de’ introduz frases completivas (finitivas) de Nomes e de Adjectivos, como em (1) e (2)³.

(1) Kel [_N ipotis] [_{CP} **di** mininus bai Lisbua di avion]
DET hipótese de meninos ir Lisboa de avião
e sa ta da-l grandi ligria.
3SG PROGR dar-3SG grande alegria
‘A hipótese de os meninos irem a Lisboa de avião está a deixá-lo muito contente.’

(2) Kel trabadju-li e [_A difisil] [_{CP} **di** bo fase na dos dia].
DEM trabalho-PROX ser difícil de 2SG fazer em dois dia
‘Este trabalho é difícil de fazeres em dois dias.’

Visto que o CCV não tem um morfema infinitivo que expresse a ausência de tempo (como o *-r* em português), é necessário recorrer a testes sintácticos que indiquem que uma dada frase encaixada constitui um domínio pleno ou defectivo, tais como (i) a presença explícita de um sujeito encaixado e (ii) a ocorrência da negação no domínio encaixado.

Em primeiro lugar, verifica-se que as frases (1) e (2) acima exibem sujeitos encaixados explícitos (nomeadamente, *mininus* ‘meninos’ e *bo* ‘tu’), os quais têm de ocorrer em ambientes finitos para que o Caso possa ser verificado. Em segundo lugar, a frase (3) abaixo, apesar de não ter um sujeito encaixado explícito, pode ser negada pelo marcador *ka* ‘não’, que ocorre obrigatoriamente antes dos morfemas de aspecto⁴.

³ As glosas usadas nos dados seguem as instruções de *Leipzig Glossing Rules: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses* (2004), em (<http://www.eva.mpg.de/lingua/pdf/LGR04.09.21.pdf>), segundo as quais:

AUG= aumentativo	IPFV= imperfeito	POSS= possessivo	SG= singular
DEM= demonstrativo	NEG= negação	PROX= próximo	1,2,3= pessoa
DIST= distante	PL= plural	PST= past	
DO= objecto directo	PFV= perfectivo	SBJ= sujeito	

⁴ Veja-se, a título exemplificativo, o enunciado em (i), para o caso em que os dois marcadores (negação – *ka* – e aspecto – *ta*) co-ocorrem explicitamente:

(i) Djon ta durmi sonu pegadu, pamodi e ka ta trabadja.
Djon IPFV dormir sono pegado porque 3SG NEG IPFV trabalhar
‘O Djon dorme a sono solto porque ele não trabalha.’

- (3) N tene gana [_{CP} di **ka** fase nada pa-N djuda Maria].
1SG ter gana de NEG fazer nada para-1SG ajudar Maria
'Tenho vontade de não fazer nada para ajudar a Maria.'

Para além disso, os verbos das frases encaixadas em (1) e (2) – *bai* 'ir' e *fase* 'fazer' – permitem a oposição Perfectivo (∅) / Imperfectivo (*ta*) em domínios independentes, como em (4).

- (4) a. Mininus ∅/ta bai Praia na hiasi.
meninos PFV/IPFV ir Praia em carrinha
'Os rapazes foram/vão à Praia de carrinha.'
- b. Bo ∅/ta fase es trabadju dretu.
2SG PFV/IPFV fazer DEM trabalho bem
'Tu fizeste/fazes este trabalho bem.'

No entanto, os verbos *bai* e *fase* nas frases encaixadas de (1) e (2) não são precedidos por *ta*, apesar de ocorrerem em domínios que têm características de frases temporalizadas, porque a interpretação temporal da encaixada está dependente do predicador que a selecciona.

Di também pode introduzir frases completivas de verbos epistémicos do tipo de *skese* 'esquecer', como (5).

- (5) Nhos ka ta skese [_{CP} di (***nhos**) kunpra ramed].
2PL NEG IPFV esquecer de 2PL comprar remédio
'Não se esqueçam de comprar o remédio.'

Nestes casos, o sujeito encaixado (provavelmente PRO) não pode ser soletrado. Porque as completivas seleccionadas por verbos epistémicos não permitem a ocorrência de um sujeito encaixado morfofonologicamente realizado, considera-se que o domínio TP encaixado é defectivo no traço [T], enquanto nas restantes frases completivas introduzidas por *di* [T] não é defectivo, assumir-se-á que *di* é subspecificado para o traço [T].

2.2. O complementador *ki* 'que'

O complementador *ki* 'que' introduz frases completivas finitas nominais e adjectivais, como em (6) e (7):

- (6) E [_N verdadi] [_{CP} **ki** tudu povu ten si kultura].
ser verdade que tudo povo ter(IPFV) POSS.3SG cultura
'É verdade que todo o povo tem a sua própria cultura'.
(Silva, 2005: 332)

- (7) Kel uma kalson la e [_A klaru] [_{CP} ki ka ta sirbi-m]⁵.
DEM AUG calça DIST ser claro que NEG IPFV servir-1SG
'Aqueles calções, é claro que não me servem'.
(Brüser & Santos, 2002: 292)

Ki é também o complementador de interrogativas-Q (não *in situ*) matrizes e encaixadas, como em (8), introduzindo igualmente todas as orações relativas com antecedente e frases clivadas, como em (9) e (10).

- (8) a. Ken/Kenha [_C ki] kunpra kel baka-li?
quem que comprar(PFV) DEM vaca-PROX
'Quem é que comprou esta vaca?'

b. N ka sabe [_{CP} kenha ki kunpra kel baka-li].
1SG NEG saber(IPFV) quem que comprar(PFV) DEM vaca-PROX
'Não sei quem é que comprou esta vaca.'

- (9) Ami N odja [_{DP} mininu]_i [_{CP} ki --_i furta galinha].
1SG 1SG ver(PFV) menino que furtar galinha
'Eu vi os meninos que roubaram as galinhas.'

- (10) [_{IP} E kuskus seku [_{SC} [_{CP} ki Djon ka ta kume dretu]]].
ser cuscus seco que Djon NEG IPFV comer direito
'É cuscus seco que o Djon não come bem.'

Como os domínios fráscicos introduzidos por *ki* podem ter sujeitos encaixados explícitos, negação e marcadores aspectuais (*vd.*, respectivamente, *tudu povu* 'todo o povo' em (6) e *ka* 'não' e *ta* 'imperfectivo' em (10)), considera-se que os CPs introduzidos por *ki* envolvem sempre a projecção de um C^o especificado positivamente para o traço formal [T], gerando frases finitas (*i.e.*, [+T]).

2.3. O complementador *ma* 'que'

O complementador *ma* 'que' introduz frases completivas finitas de verbos declarativos, como *fla* 'dizer' (cf. (11)), epistémicos, como *atxa* 'achar/julgar' (cf. (12)), perceptivos, como *odja* 'ver' (cf. (13)), e verbos de elevação, como *parse* 'parecer' (cf.

⁵ Um revisor anónimo chama a atenção para o facto de o sujeito encaixado desta frase ser nulo (*pro*), o que pode ser inesperado numa língua de sujeito (quase-)obrigatório como o CCV. No entanto, de acordo com Pratas (2007: cap. 5 e referências aí indicadas), refira-se que a língua em análise disponibiliza *pro* em contextos muito específicos.

(14)), permitindo que o tempo da frase encaixada seja independente do da matriz (veja-se particularmente o enunciado em (11)⁶).

- (11) Maria [v fla] [CP **ma** ses fidju ta bai skola].
Maria dizer(PFV) que POSS.3PL filho IPFV ir escola
'A Maria disse que os seus filhos vão à escola.'
- (12) Nu [v atxa] [CP **ma** mininu djuga bola n'es kau].
1PL achar(IPFV) que menino jogar(PFV) bola em-DEM lugar
'Nós achamos que os meninos jogam à bola neste sítio.'
- (13) Djon [v odja] [CP **ma** Maria kunpra sukrinha].
Djon ver(PFV) que Maria comprar(PFV) doce
'O Djon viu que a Maria comprou doces.'
- (14) Ta [v parse]-m [CP **ma** bu sta mariadu].
IPFV parecer-1SG que 2SG estar zangado
'Parece que tu estás zangado.'

Embora *ma* seja um complementador que introduz essencialmente frases completivas verbais dos verbos identificados acima, alguns falantes aceitam-no como uma alternativa a *ki* em frases finitas que são complementos de nomes, como em (15).

- (15) E [N verdadi] [CP **ma** Maria kebra kopu].
ser(IPFV) verdade que Maria quebrar(PFV) copo
'É verdade que a Maria partiu o copo.'

Isto pode ser explicado pelo facto de a frase encaixada em (15) – *ma Maria kebra kopu* 'que a Maria partiu o copo' – ser o sujeito de uma estrutura copulativa. Para além disso, *ma* e *ki* parecem partilhar mais algumas semelhanças. Por exemplo, nas orações coordenadas que funcionam como complemento de verbos declarativos (como *fla* 'dizer' em (16)), *ki* pode introduzir o segundo termo coordenado, recuperando dessa forma *ma*⁷.

- (16) E [v fla] [CoordP [CP **ma** e mesteba ba Praia]
3SG dizer(PFV) que 3SG precisar(PST) ir Praia
y [CP **ki** e ta saiba sais ora di madrugada]].
e que 3SG IPFV sair(PST) seis hora de madrugada
'Ele disse que precisava de ir à Praia e que partiria às seis da manhã'.
(Brüser & Santos, 2002: 327)

⁶ Veja-se também Pratas (2007: quadro (366), p. 314).

⁷ Apesar disto, alguns informantes preferem que o segundo termo também seja introduzido por *ma*:

(i) Djon fla [CoordP [CP **ma** Maria mesteba ba Praia] y [CP **m'** e ta saiba sais ora di madrugada]].

A competição entre *ma* e *ki* na introdução deste tipo de completivas verbais pode indicar que os dois complementadores partilham determinadas propriedades, embora sejam distintos no valor do traço formal [Q], já que *ma* nunca pode ser especificado [+Q], facto que a impossibilidade de ocorrência de um constituinte-Q em SpecCP_{ma} ilustra (cf. (17)) e que é reforçado pela necessidade de subida desse elemento-Q para a posição de SpecCP mais alto, cujo C° - *ki* - é [+Q], em (18).

(17) *E fla [CP **kenha**_i [C° **ma**] [--]_i ta
 3SG dizer(PFV) quem que IPFV
 djobeba minina ta badja]?
 ver(PST) menina IPFV dançar
 ‘*Ele disse quem que costumava ver a menina a dançar?’

(18) a. [**Kenha**]_i **ki** fla [CP [C° **m**]_i [e]_j ta djobeba
 quem que dizer(PFV) que-3SG IPFV ver(PST)
 minina ta badja]?
 menina IPFV dançar
 ‘Quem é que disse que ele costumava ver a menina a dançar?’

b. ***[Kenha]**_i **ma** fla [CP [--]_i [C° **ma**] ta djobeba minina ta badja]?

Outra propriedade de *ma* é que o sujeito da frase encaixada que *ma* introduz é obrigatoriamente soletrado (cf. *es* ‘eles’ em (19)), mesmo quando o sujeito encaixado é co-referente com o sujeito da matriz, como a indexação mostra em (20)⁸.

(19) Kes mininu fla [CP m’*(**es**) ka gosta di djuga bola].
 DET menino dizer(PFV) que.3PL NEG gostar(IPFV) de jogar bola
 ‘Os meninos disseram que eles não gostam de jogar futebol.’

(20) Kel [artista]_i la atxa [CP ma [**e**]_i]_j
 DEM artista DIST achar(IPFV) que 3SG
 ka gosta di múzika].
 NEG gostar de música
 ‘Aquele artista acha que ele (próprio) não gosta de música.’

As frases (19) e (20) acima mostram que o Princípio de Evitar o Pronome (Chomsky, 1981) não se aplica em CCV. Isto é o que se espera de uma língua com sujeitos argumentais obrigatórios (compare-se o inglês e francês com o português europeu (PE) e outras línguas de sujeito nulo).

⁸ Note-se que, contrariamente a *ma*, *ki* em interrogativas-Q exige que o sujeito encaixado seja referencialmente disjuncto do constituinte interrogado que é sujeito da matriz, como a agramaticalidade de (i) ilustra (cf. (18a.) no texto):

(i) ***[Kenha]**_i **ki** fla [CP [C° **m**]_i [**e**]_j ta djobeba minina ta badja]?

2.4. O complementador *pa* ‘para’

O complementador *pa* ‘para’ introduz frases completivas de verbos volitivos, como *kre* ‘querer’. Nestes casos, o sujeito encaixado é referencialmente disjunto do sujeito matriz:

- (21) Ael [e]_i [v kre] [CP p’[e]_{j/*i} fase trabadju].
 3SG 3SG querer(IPFV) para-3SG fazer trabalho
 Lit.: ‘Ele quer para ele fazer o trabalho.’
 ‘Ele quer que ele faça o trabalho.’

À semelhança destas frases, as completivas de verbos declarativos como *fla* ‘dizer’ introduzidas pelo complementador *pa* também envolvem sujeitos referencialmente disjuntos do sujeito matriz e o domínio temporal encaixado é independente do matriz (cf. (22b.)), onde o advérbio temporal *manhan* ‘amanhã’ ocorre).

- (22) a. [Bu]_i [v fla]-m [CP pa-[N]_{j/*i} ben obi
 2SG dizer(PFV)-1SG para-1SG vir ouvir
 bo múzika nobu].
 POSS.2SG música novo
 ‘Tu disseste-me para (eu)⁹ vir ouvir a tua música nova.’

- b. Bu fla-m [CP pa [AdvP manhan] N ntrega trabadju].
 2SG dizer(PFV)-1SG para amanhã 1SG entregar trabalho
 ‘Tu disseste-me para, amanhã, eu entregar o trabalho.’

- (23) [E]_i [v fla] [CP pa [bu]_{j/*i} da-l un bokadinhu d’águ].
 3SG dizer(PFV) para 2SG dar-3SG um bocadinho de.água
 ‘Ele disse para tu lhe dares um bocadinho de água.’
 (Brüser & Santos, 2002: 457)

Por isso, assumir-se-á que as frases completivas em (21)-(23) são especificadas positivamente para o traço formal [T]¹⁰.

DeGraff (2007: 109) propõe uma solução semelhante a esta relativamente ao morfema *pou* ‘para’ em crioulo do Haiti. O autor mostra que *pou* pode introduzir uma

⁹ Como um revisor anónimo faz notar, esta opcionalidade de realização lexical do sujeito é relativa apenas ao exemplo em PE, já que em CCV o sujeito encaixado destas construções tem de ocorrer obrigatoriamente explícito.

¹⁰ Neste ponto, afasto-me de Pratas (2007), que propõe, para uma frase com a estrutura da de (23) no texto, uma análise de estrutura de controlo, implementando a proposta de Hornstein (1999) segundo a qual o controlo envolve movimento. Pratas (*op. cit.*, p. 322) sugere ainda que o clítico de sujeito ocorre em T, sendo T não activo, e que “o clítico de sujeito é legitimado de alguma forma pela preposição *pa*” (tradução minha).

oração plena, *i.e.*, com marcadores de TMA a precederem o verbo encaixado, como em (24) abaixo, concluindo que, por isso, “*pou* não pode ser claramente classificado como uma marca de infinitivo”.

- (24) Li te ale nan fèt la Haitian Creole
 3SG PFV ir LOC festa DET
pou li te ka fè yon ti danse...
 para 3SG PFV capaz fazer IPFV pequena dança
 ‘Ele foi à festa para dançar um bocadinho.’
 (adaptado de DeGraff, *ibid.*)

Em CCV, *pa*, como complementador, também introduz orações relativas finais. Estas construções relativas só podem operar sobre Ns [-específico], tais como *ningen/mininus* ‘ninguém/meninos’ e *nada/kumida* ‘nada/comida’ em (25) e (26), sendo que a oração recebe uma interpretação modal (de *irrealis*).

- (25) Kel mininu la ka tene [DP **ningen/mininus**]_i
 DEM menino DIST NEG ter(IPFV) ninguém/meninos
 [CP [C° **pa** [SBJ --]_i brinka ku-el]].
 para brincar com-3SG
 Lit.: ‘Aquele menino não tem ninguém/crianças para brincar com ele.’
 ‘Aquele menino não tem ninguém/crianças com quem brincar.’
- (26) Es ka tene [DP **nada/kumida**]_i [CP [C° **pa** kume [DO --]_i]].
 3PL NEG ter(IPFV) nada/comida para comer
 Lit.: ‘Eles não têm nada/comida para comer.’
 ‘Eles não têm nada/comida que comer.’

Se um N [+específico] for o antecedente de uma oração introduzida por *pa*, a frase será interpretada como uma frase final e não como uma oração relativa. Note-se que, em (27), o sujeito encaixado pode ser soletrado por um pronome co-referente de um DP que ocorre na frase matriz. Isto constitui evidência para se excluírem as frases *pa* + Sujeito explícito do grupo das orações relativas¹¹.

- (27) Mininu tene [DP Djon ku Maria]_i
 menino ter(IPFV) Djon com Maria
 [CP p’([es]_i) brinka ku-el].
 para-3PL brincar com-3SG
 ‘O menino tem o Djon e a Maria para brincarem com ele.’
 ‘*O menino tem o Djon e a Maria que brincam com ele.’

¹¹ Se a frase (27) no texto fosse uma oração relativa, o sujeito encaixado teria de ser tratado como um pronome resumptivo. No entanto, tal como defendido em Alexandre (2006 e 2009), o CCV não exhibe resumptivos de sujeito em orações relativas restritivas.

2.5. O complementador *pamodi* ‘(por)que/Ø’

O complementador *pamodi*¹² ‘(por)que/Ø’ introduz frases completivas adjectivais com valor factivo, *i.e.*, a frase encaixada é tomada como verdadeira:

(28) N atxa [A rabes] [CP **pamodi** bu
1SG achar(IPFV) revés (por)que 2SG
ka kume nha kumida].
NEG comer POSS.1SG comida.
‘Acho estranho que não comas a minha comida.’
‘Lamento não comeres a minha comida.’

(29) N fika [A dimiradu] [CP **pamodi**/ki/*ma/*di
1SG ficar(PFV) admirar.du (por)que/de
Maria leba si fidju pa spital].
Maria levar(PFV) POSS.3SG filho para hospital
‘Admirou-me que a Maria levasse o filho para o hospital.’

Segundo Brüser & Santos (2002: 553), *pamodi* tem apenas dois empregos. Por um lado, funciona como pronome interrogativo; por outro lado, é uma conjunção adverbial, como em (30) e (31), respectivamente.

(30) **Pamodi** ki bu sta triste?
porque que 2SG estar(IPFV) triste
‘Porque é que estás triste?’

(31) Mi dja N bai (**pamodi** N tene presa).
1SG já 1SG ir porque 1SG ter pressa
‘Vou-me já embora, porque estou com pressa.’

Contudo, a palavra *pamodi* que está em análise nesta secção introduz frases que são argumentos de outras, como a agramaticalidade do apagamento da frase introduzida por *pamodi* em (32) atesta. Por isso, o complementador *pamodi* não funciona como um elemento interrogativo ou conjunção adverbial igual à dos enunciados em (30) e (31).

(32) Nhos fika spantadu *(**pamodi** mininus-femia
2PL ficar(PFV) espantar.du (por)que meninos-fêmea
prende djuga bola faxi).
aprender(PFV) jogar bola fácil
‘Vocês espantaram-se com o facto de as meninas terem aprendido a jogar à bola facilmente.’

¹² Derivado da expressão *por mor de*, do português antigo (cf. Brüser & Santos, 2002: 553).

2.6. O complementador *si* ‘se’

O complementador *si* ‘se’ é usado apenas para introduzir interrogativas-Q indirectas. Estas frases são finitas e o sujeito encaixado pode ser co-referente ou não do sujeito matriz, como ilustrado em (33a) e (33b), respectivamente.

- (33) a. [Mininus]_i [v pergunta] bedju [CP si [es]_i
meninos perguntar(PFV) velho se 3PL
pode kanta na festa].
poder cantar em festa
‘Os meninos perguntaram ao velho se eles podiam cantar na festa.’
- b. [Djon] [v pergunta]-m [CP si [Maria] gosta
Djon perguntar(PFV)-1SG se Maria gostar(IPFV)
di múzika].
de música
‘Djon perguntou-me se a Maria gostava de música.’

2.7. O complementador \emptyset

Em CCV, os verbos de controlo e de Marcação Excepcional de Caso¹³, como *kre* ‘querer’ e *manda* ‘mandar’, respectivamente, parecem ter como seus complementos frases cuja posição de C° não é foneticamente preenchida (cf. (34) e (35)). Uma explicação possível para tal é assumir que as frases completivas deste tipo de verbos são introduzidas por um complementador nulo, *i.e.*, sem realização fonética (\emptyset).

- (34) Tudu algen ta [v kre] [CP [C° \emptyset] bai seu].
tudo alguém IPFV querer ir céu
‘Toda a gente quer ir para o céu.’
- (35) Nha pai [v manda]-m [CP [C° \emptyset] kunpra uns bolinhu].
POSS.1SG pai mandar(PFV)-1SG comprar uns bolinho
‘O meu pai mandou-me comprar uns bolinhos.’

Em CCV, enquanto os verbos de controlo que têm complementos fráscicos introduzidos por *pa* permitem um sujeito encaixado soletrado (*vd.* a secção 2.4. acima), as frases encaixadas de (34) e (35) não podem exibir um sujeito explícito, o que indica a defectividade do domínio temporal em causa, como (36) ilustra. Nestes casos, a referência do sujeito mais baixo é fixada por um DP da matriz (cf. (37)).

¹³ Segundo a Teoria da Regência e da Ligação, de Chomsky (1981), estes verbos podem atribuir Caso acusativo ao sujeito do seu complemento fráscico sem que haja um complementador visível.

- (36) N [v kre] [CP ∅ *N/bu da Maria un romansi].
1SG quer(IPFV) 1SG/2SG dar Maria um romance
Lit.: ‘*Eu quero eu/tu dar à Maria um romance.’
‘Eu quero dar à Maria um romance.’
- (37) [Nu]_i kre [CP ∅ [--]_i/_j fase un grupu kultural].
1PL querer(IPFV) fazer um grupo cultural
‘Nós queremos fazer um grupo cultural.’

A discussão sobre se estas construções envolvem um complementador nulo ou não vem desde Kayne (1980, ap. Chomsky, 1981), que fez uma análise destas construções baseada no Princípio da Categoria Vazia, *i.e.*, em termos de regência e de atribuição de Caso à posição de sujeito encaixado (PRO). Mais recentemente, Bošković & Lasnik (2003) propuseram uma abordagem da distribuição do C nulo em Inglês que não recorre à noção de regência, assumindo que o C nulo é um afixo em PF (na linha de Pesetsky, 1992)¹⁴. Neste artigo, assume-se que estas construções envolvem um complementador que não tem realização fonética, mas que corresponde a uma lista de traços formais.

Assume-se, por conseguinte, que o CCV é marcado positivamente para o Parâmetro C (na linha de Duarte, 2000), o que significa que C^o é ambíguo e que tem de ser desambiguado através do movimento de um operador-Q para SpecCP. Propõe-se também que o complementador nulo é subespecificado quanto ao traço formal [D] ([±D]) e que essa é a razão pela qual um PP é atraído (e arrastado) pelo complementador nulo para SpecCP.

3. O CP não é expandido

Os dados apresentados nas secções precedentes mostram que o CCV exibe um sistema de complementadores bastante rico, com sete elementos distintos, e com uma distribuição variada. Tal facto poderia conduzir à adopção de uma análise que envolvesse a expansão da periferia esquerda da frase a outras categorias funcionais, na óptica de Rizzi (1997), segundo o qual o sistema de C deve ser expandido como em (38).

- CP expandido* (Rizzi, 1997)
(38) Force (Top) Foc (Top) Fin IP.

Concretamente, com base em evidência da ordem de palavras em Italiano (cf. (39)-(40)), a proposta de Rizzi (*op. cit.*) considera que, por um lado, a periferia esquerda da

¹⁴ Esta é uma discussão que exige que se enverede por caminhos que não se pretende que sejam explorados agora e, por isso, remete-se o leitor para Alexandre, Gonçalves e Pratas (2010), para uma abordagem mais aprofundada das propriedades de algumas destas construções.

frase envolve uma componente fixa composta por *Force*, que codifica informação sobre a força ilocutória das frases (e.g., declarativa, interrogativa, exclamativa, relativa, etc.), e *Fin(iteness)*, que integra informação sobre o estatuto de finitude ou não finitude das frases. Por outro lado, a periferia esquerda da frase também é composta por uma parte activada apenas quando necessária – *Top(ic)* e *Foc(us)*.

- (39) a. Credo **che** il tuo libro, loro lo apprezzerebbero molto. Italiano
'Julgo que o teu livro, eles vão apreciá-lo muito.'
- b. *Credo, il tuo libro, **che** loro lo apprezzerebbero molto.
'*Julgo, o teu livro, que eles vão apreciá-lo muito.'
- (40) a. *Credo **di** il tuo libro, apprezzarlo molto.
Lit.: 'Julgo DI o teu livro apreciá-lo muito.'
- b. Credo, il tuo libro, **di** apprezzarlo molto.
Lit.: 'Julgo, o teu livro, DI apreciá-lo muito.'
(todas de Rizzi, 1997: 288)

No entanto, neste artigo, assumir-se-á uma abordagem clássica do CP, sugerindo que as frases são cunhadas pelos complementadores que as introduzem (na sequência da análise proposta por Cheng, 1991). Consequentemente, a análise do CP expandido de Rizzi (1997) é rejeitada por duas razões essenciais:

(i) parcimónia/economia, *i.e.*, numa abordagem minimalista dos dados, não é justificada a sobrecarga que o acréscimo de categorias funcionais aduz à estrutura das frases (cf. Newmeyer, 2003);

(ii) evidência empírica, *i.e.*, os elementos *ki* e *di* do CCV não apresentam a mesma distribuição que *che* e *di* nos exemplos (39)-(40) em Italiano, visto que tanto *ki* como *di* precedem tópicos deslocados à esquerda em CCV, enquanto em Italiano *che* precede e *di* segue tópicos, tal como (41) e (42) evidenciam¹⁵.

- (41) a. N atxa **ma**, bu libru, mininus ka
1SG achar(IPFV) que POSS.2SG livro meninos NEG
kre le.
querer(IPFV) ler
'Acho que, o teu livro, os meninos não querem ler.'

¹⁵ Realce-se que, em PE, também não obtemos a mesma distribuição com os complementadores *que* e *de* (cf. os enunciados do PE correspondentes aos do CCV em (41) e (42) no texto).

b. *N atxa, bu libru, **ma** mininus ka kre le.
'*Acho, o teu livro, que os meninos não querem ler.'

(42) a. Kel ipotis **di**, bu libru, mininus le
DET hipótese de POSS.2SG livro meninos ler
na avion sa ta agrada-l.
em avião PROGR agradecer-3SG
'A hipótese de, o teu livro, os meninos lerem no avião está a agradar-lhe.'

b. *Kel ipotis, bu libru, **di** mininus le na avion ...
'*A hipótese, o teu livro, de os meninos lerem no avião ...'

Propõe-se, assim, que todos os complementadores do CCV – *di*, *ki*, *ma*, *pa*, *pamodi*, *si* e \emptyset – podem ocorrer em C° porque a sua distribuição (complementar) depende das propriedades formais de cada um. Por outras palavras, em CCV, C° tem cinco traços formais que têm de ser identificados por uma de duas formas:

- (A) através da inserção de um complementador em C°;
- (B) através do movimento de um elemento para Spec,CP, onde poderá estabelecer uma relação de *Agree* com C° e verificar os seus traços formais.

Os traços formais necessários para identificar os vários complementadores que o CCV disponibiliza são os descritos em (43) e actualizados nos complementadores no Quadro 1¹⁶.

- (43) a. [+D] – indica que o complementador tem características nominais;
b. [+V] – indica que o complementador tem características verbais;
c. [+INT] – indica que a frase é interrogativa;
d. [+Q] – indica que a frase é uma interrogativa-Q, uma clivada ou uma relativa;
e. [+T] – indica que a frase é um domínio finito.

¹⁶ Note-se que o valor '?' indica tão-somente a subespecificação do traço.

Complementadores	Traços formais de C°					Tipos de frases
	[D]	[V]	[INT]	[Q]	[T]	
<i>di</i>	?	-	-	-	?	Completivas de N e de Adj
	-	?	-	-	-	Completivas de Vs epistémicos
<i>ki</i>	?	?	-	-	+	Completivas de N e de Adj
	+	-	+	+	+	Interrogativas-Q
	+	-	-	+	+	Orações relativas e clivadas
<i>ma</i>	-	+	-	-	+	Completivas de Vs
<i>pa</i>	-	?	-	-	+	Completivas de Vs ¹⁷
	?	-	-	+	-	Relativas finais
<i>pamodi</i>	+	-	-	-	+	Completivas de Adj
<i>si</i>	-	+	+	+	+	Interrogativas-Q indirectas
∅	-	+	-	-	-	Completivas de Vs de controlo
	?	-	+	+	+	Interrogativas-Q (com elementos-Q movidos, como <i>modi</i> , <i>pamodi</i> , <i>undi</i> , e com elementos-Q <i>in situ</i>)

Quadro 1: Os complementadores em CVC – distribuição e traços formais

4. Considerações finais

Do exposto acima, conclui-se que o CCV exibe um paradigma de complementadores composto por *di*, *ki*, *ma*, *pa*, *pamodi*, *si* e ∅, em distribuição complementar¹⁸.

O facto de os complementadores *ki* e *di* do CCV nunca seguirem tópicos, ao contrário de *che* e *di* em Italiano, motivou a rejeição da hipótese do CP expandido e a proposta de uma análise baseada em traços formais considerados suficientes para dar conta da distribuição dos complementadores da língua.

Referências

Alexandre, Nélia (2009) *Wh-Constructions in Cape Verdean Creole: extensions of the theory of movement*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.

¹⁷ Realce-se que a diferença entre o complementador *pa* que introduz completivas verbais e o complementador *ma* é mínima. Na realidade, tal como sugere um revisor anónimo, nestes casos, a ocorrência de um ou de outro complementador depende das propriedades de selecção lexical dos verbos da frase matriz.

¹⁸ Agradece-se a um revisor anónimo o ter chamado a atenção para o facto de as combinações de traços propostas no Q. 1 não predizerem que *ki* e *ma* podem alternar (como mostram (15) e (16) no texto). Efectivamente, o Q. 1 não contempla essa hipótese porque se assume que tal alternância só existe ao nível de uma gramática (de 'interlíngua') que não está aqui a ser descrita.

In A. BRITO; F. SILVA; J. VELOSO; A. FIÉIS (eds.), *Textos Seleccionados do XXV ENAPL 2009*, Lisboa: APL, 111-126.

- Alexandre, Nélia; A. Gonçalves & F. Pratas (2010). Complementadores nulos e predicados complexos em Crioulo de Cabo Verde. In *6º Encontro da ABECS*, Salvador da Bahia: UFBA.
- Bošković, Željko & Howard Lasnik (2003) On the Distribution of Null Complementizers. *Linguistic Inquiry* 34 (4), pp. 527-546.
- Brüser, Martina & Santos, André dos Reis (2002) *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*, J. Lang (dir.), Tübingen: Gunter Narr.
- Cheng, Lisa (1991) *On the Typology of Wh-Questions*, Dissertação de doutoramento, MIT.
- Chomsky, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, Noam (1995) *The Minimalist Program*, Massachusetts: MIT Press.
- DeGraff, Michel (2007) Haitian Creole. In J. Holm & P. Patrick (eds.) *Comparative Creole Syntax: Parallel Outlines of 18 Creole Grammars*. London: Battlebridge Publications, pp. 101-126.
- Duarte, Inês (2000) Sobre Interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro. In *Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*. Maio 8-13, Évora: Universidade de Évora, Ms.
- Hornstein, Norbert (1999) Movement and Control. In *Linguistic Inquiry*, 30, pp. 69-34.
- Maurer, Philippe (2005) La preposition *for di* du Papiamentu et le verbe *fô* des créoles du Golfe de Guinée. *La Linguistique* 41 (1), pp. 57-66.
- Newmeyer, Frederick (2003) Against the Split-CP Hypothesis, in P. Banski e A. Przepiorkowski (eds.) *Proceedings of GLiP-5*. Warsaw: Polish Academy of Sciences, pp. 81-93.
- Pesetsky, David (1992) *Zero Syntax: Experiencers and Cascades*. Massachusetts: MIT.
- Pratas, Fernanda (2007) *Tense Features and Argument Structure in Capeverdean Predicates*, Dissertação de doutoramento, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Raposo, E. Paiva (1989) Prepositional infinitival constructions in European Portuguese. In O. Jaeggli & K. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer Publ., pp. 277-305.
- Rizzi, Luigi (1997) The Fine Structure of the Left Periphery, in L. Haegeman (ed.) *Elements of Grammar. Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer Academic Press, pp. 281-337.
- Torrence, Harold (2005) *On the Distribution of Complementizers in Wolof*. Dissertação de doutoramento, UCLA.